PADRE ARMINDO MARIA DE OLIVEIRA E O SONETO "O TEMPO"*

Joaryvar Macedo

Motivado por assunto que gerou certa curiosidade nas tão apreciadas "Vinhetas" do estimado confrade Itamar Espíndola, publicadas, aos sábados, no "Fame" do Jornal **O Povo**, desta capital, resolvi, tecer, neste ensejo, algumas considerações em torno da questão.

Tendo ele feito, recentemente, referência ao tão conhecido soneto "O Tempo" ("Deus pede estrita contra do meu tempo..."), dizendo-o de autor ignorado, de logo afloraram opiniões conflitantes acerca da autoria dessa composição poética, atribuída a Laurindo Rabelo, havendo, inclusive, quem a apontasse como da lavra do padre Armindo Maria de Oliveira.

Ao parecer, se não dirimiram a dúvida, ao menos, talvez, tenham colocado ponto final, na matéria, as elucidações apresentadas pelo acadêmico Artur Eduardo Benevides, príncipe dos poetas cearenses. Ei-las:

> "O soneto O TEMPO ('Deus pede estrita conta do meu tempo'), de feição tipicamente gongórica, acha-se incluído nas OBRAS COMPLETAS de Laurindo Rabelo, com a ressalva do Professor Oswaldo Melo Braga de só se haver conhecido essa peça literária quando o poeta já estava morto. A autoria, contudo, é formalmente contestada por Teixeira de Melo, para quem tais versos foram escritos originariamente em Francês por autor desconhecido, sendo traduzidos depois para o Português e publicados num dos ALMANAQUES CASTILHO, de Lisboa."

Pode-se afirmar, assim, por precausão, como aconselha Sânzio de Azevedo, ser o soneto em causa **atribuído** a Laurindo Rabelo. Trata-se, aliás, de uma página trocadilhesca num jogo de alternância das palavras 'conta' e 'tempo'.

---

* Palestra proferida em sessão ordinária da Academia Cearense de Letras.

Esse, por sinal, é um dos numerosos casos de origem duvidosa e contestação de autoria, nas letras universais e brasileiras, não havendo prova, todavia, de ser o Padre Armindo Oliveira, de quem não tenho referência literária, o autor.

Como em casos assim prevalece sempre o nome do poeta consagrado, o soneto continuará a ser publicado como sendo de Laurindo Rabelo, pois não há provas irrefutáveis de não haver sido escrito por ele. E só uma análise estilística, demorada e profunda poderia lançar uma luz mais forte sobre o assunto, numa espécie de investigação de paternidade, dirimindo a dúvida existente."

Do conciso texto ora exposto, abalizado por sem dúvida, e sobremodo esclarecedor, restou também evidenciado o pouco ou quase nenhum conhecimento, entre nós, do poeta padre Armindo Maria de Oliveira, fato, aliás, muito natural, porquanto se trata de vate provinciano, nascido e vivido em plagas distantes, autor de produção restrita e apenas esparsa. Daí deu-me na telha trazer alguns informes a seu respeito e mostrar a razão que levara algum leitor das "Vinhetas" de Itamar Espíndola a garantir ser da autoria desse eclesiástico o soneto em foco.

O padre Armindo Maria de Oliveira, natural de Mato Grosso, foi religioso salesiano, de existência breve, mas que deixou feliz e santa memória na terra do seu berço, como homem de excelsas virtudes e por seus dotes para com as belas-letras. A biografia dele, traçou-a, magistralmente, seu coestaduano, contemporâneo, amigo e confrade da Sociedade Salesiana, dom Francisco de Aquino Corrêa, falecido arcebispo de Cuiabá, membro dos mais conspícuos da Academia Brasileira de Letras, e também o primeiro do clero compatrício a partilhar daquela Corporação. Em verdade, o prelado escritor e, ainda, vate de admirável e opulenta inspiração, em seu estilo eloqüente, vibrante, clássico e modelar, condensou a vida e a obra do condiscípulo e, depois, seu colaborador, na obra epigrafada **Uma Flor do Clero Cuiabano**, da qual me vali para este sucinto registro sobre o sacerdote poeta.

Filho do alferes João Capistrano de Oliveira e dona Umbelina Pereira Mendes, o padre Armindo vira a luz do dia em Cuiabá, a 6 de setembro de 1882. Era-lhe o nove verdadeiro Armindo Libânio Capistrano de Oliveira. Face, no entanto, a sua devoção ardente e piedade acendrada a Nossa Senhora, modificou-o para Armindo Maria de Oliveira.

Aluno dos salesianos, empolgou-o o espírito de Dom Bosco, e Armindo terminou por se fazer padre dessa congregação. A fim de

chegar, todavia, à ordenação, enfrentou inúmeros obstáculos, uma verdadeira **via-crucis**, a começar da oposição, formal e sistemática, por parte dos familiares, não consentindo abraçasse a carreira religiosa. Vencida, entanto, esta etapa do seu doloroso itinerário, onde assomam atos de verdadeiro heroísmo, aos vinte e um anos de idade, passara a integrar, em definitivo, a grei de Dom Bosco, com o ingresso no noviciado.

A partir de então, outros duros lances surgiram na vida do seminarista. Armindo, portador do mal da gagueira, defeito congênito, que lhe trouxera um sem-número de dissabores, vexames e contrariedades, defrontou-se com provações as mais diversas. Provações, realmente, sobremaneira ásperas, e entre todas, a mais pungente foi a procrastinação do seu sacerdócio, ao longo de anos consecutivos, a ponto de ser sagrado presbítero por um dos colegas de noviciado, já, naquela ocasião, elevado às honras do episcopado, o mencionado dom Aquino Corrêa, posteriormente seu incomparável biógrafo, que, respeito a esse evento singular na história eclesiástica, escreveria:

> "E, finalmente, a 31 do mesmo mês e ano (dezembro de 1916), a extinta Capela do Liceu Salesiano assistiu, comovida, a este espetáculo, talvez único no mundo: dois conoviços, sagrando um ao outro, na ordem do presbiterato. Ao leitor que nos acompanhou até aqui, e conhece os antecedentes, deixo a tarefa de imaginar as emoções profundas, assim do pontífice como do presbítero, naquelas horas tão solenes quão sugestivas, e especialmente quando, concluído o rito sacramental, tendo as suas mãos nas minhas, dei-lhe o beijo da paz, enquanto os anjos invisíveis do santuário lhe cantavam aos ouvidos a palavra divina: **tu es sacerdos in aeternum**!"

Levita aos trinta e quatro anos de idade, já ao final de 1936, portanto um biênio depois, falecia o padre Armindo, vitimado pela malsinada gripe espanhola, também conhecida por influenza ou bailarina, aos 23 de dezembro de 1918, após haver secretariado o referido mitrado cuiabano, então presidente do estado de Mato Grosso.

O entrecho de **Uma Flor do Clero Cuiabano** reflete esse sacerdote matogrossense qual homem essencialmente bom, modesto, simples e até, ao menos aparentemente, ingênuo, forrado de predicados humanos e cristãos os mais acrisolados. Qual um desses não muito

comuns eleitos de Deus, em quem se não lobrigava um assomo sequer do mais mínimo apego aos bens terrenos. Não fosse o hierático dom Aquino Corrêa um profundo conhecedor do vernáculo, um primoroso estilista, um excelente esgrimista da palavra, em ordem à frase bem urdida, um exímio manipulador do vocabulário, e haveria usado um dos mais surrados lugares-comuns, para epilogar as sublimes qualidades do seu perfilado, dizendo apenas que o padre Armindo se finara "em odor de santidade".

A propósito dos seus pendores artísticos, lamentava o seu maravilho biógrafo que ele "não se preocupasse muito com o apuro da expressão literária", mas, categórico, afirmava:

> "Foi ele, em verdade, uma alma de artista docemente velada na sua modéstia e simplicidade. Não teve ensanchas para desenvolver os seus talentos musicais, mas conseguiu, no dizer de peritos, tocar o piano e o harmônio, com facilidade e expressão pouco vulgares, chegando mesmo a compor algumas peças ligeiras, entre as quais me lembra uma alegre valsa, comemorativa da sua fuga do mundo e ingresso na vida religiosa.
>
> A poesia, porém, pode ele cultivá-la um pouco melhor, conquanto sempre a houvesse em conta de ocupação secundária, com que floria apenas os ócios das brévias escolares."

Não poderia deixar transcorrer esta oportunidade, sem apresentar uma ligeira mostra da poesia do padre Armindo Maria de Oliveira, quase toda de cunho religioso e, em boa parte, enfocando Nossa Senhora, de quem ele, sobre amantíssimo filho, se tornara escravo dos mais submissos, segundo o método monfortiano. Poder-se-ia mesmo reputar marcadamente mariana a sua inspiração. Observe-se, inclusive, intitular-se "Maria" a sua primeira composição poética e "A Maria Santíssima", a última. De fato, a boca fala da abundância do coração: **Ex abundantia cordis os loquitur**.

Trata-se de uma poesia despretensiosa, simples, bela, como aquela flor do campo ou aquela açucena dos vales, de que nos fala o **Cântico dos Cânticos**. Uma poesia modesta, terna, suave, pura, como o próprio espírito do asceta e do místico padre Armindo Maria de Oliveira, por sinal um dos patronos da Academia Matogrossense de Letras.

UM SONHO

Era alta noite. Plácido, eu dormia,
Talvez por entre edênicos bafejos...
Das lúcidas esferas os harpejos
Encherem-me os ouvidos parecia.

Nesse instante as pupilas me alumia
Uma visão, que em divinais lampejos,
Do céu me inflamou todos os desejos:
Eram raios de amor. Era Maria!

Nem sei como a visão áurea e querida,
Entre as nuvens sumiu, tão vaporosa,
Minha alma abandonando, embevecida!

Meu Deus! Que fantasia cor-de-rosa!
Sonhar assim quisera toda a vida,
Sonhos de puro amor e paz ditosa!

ANUNCIAÇÃO

O palestino céu de porcelana,
Na sua transparência pura e bela,
Resplandecia como vasta umbela,
E nele uns ecos de celeste hosana...

Nisto, rasgando a altura soberana,
O louro arcanjo, como linda estrela,
A nova traz à divinal Donzela,
que Ela ia erguer do abismo a prole humana.

E Maria à celígena embaixada,
— Eis do Senhor a escrava — respondeu,
Baixando, humilde, a fronte imaculada.

Aceita-me também, ó Mãe do céu,
Por teu escravo eterno, que mais nada
Quero e anelo, senão ser todo teu!

RESSURREIÇÃO

Nas púrpuras celestes do Oriente,
Transluz, por entre o albor da madrugada,
Visão do além, sublime, bafejada
De harmonia infinita, casta e ardente.

Pela própria virtude onipotente,
Cristo numa apoteose imaculada,
Ressurge! As aleluias da alvorada
Cantam-lhe em torno uma epopéia ingente!

Base granítica da nossa crença,
A verdade cristã fulgura, intensa,
No grande dogma da Ressurreição.

Que redivivo aos arrebóis da graça,
E à voz do amor, que a terra aos céus enlaça,'
Erga-se a ti, ó Deus, meu coração!

Vamos, porém, ao porquê de se haver afirmado ser o autor do soneto "O Tempo" aquele, em cuja memória o ilustre antístite cuiabano escreveu uma obra, verdadeiro epinício em prosa.

Atentemos neste trecho da supracitada biografia do levita poeta:

"Armindo sentia-se entusiasmado, e desde então foi adquirindo aquele amor à vida regular e comum que devia ser um dos distintivos do seu caráter religioso.

Outra impressão funda recebera ele, e foi o valor e a importância, que aí se dava ao tempo, esse tempo, que os filhos do século tão loucamente esbanjam. E mesmo os mais sábios dentre eles, não souberam valorizá-lo, senão com esta miserável sentença: 'tempo é dinheiro'. Para os santos ao revés, o tempo é muito mais que dinheiro, pois não serve de adquirir bens temporais e terrenos, mas sim os bens da eternidade e do céu. Daqui é que Armindo gostava de repetir este célebre e curioso soneto:

"Deus pede estrita conta do meu tempo,
Forçoso é do meu tempo já dar conta,
Mas como dar, sem tempo, tanta conta,
Eu que gastei, sem conta, tanto tempo?

Para ter minha conta feita a tempo,
Dado me foi bem tempo, e não fiz conta;
Não quis, sobrando tempo, fazer conta
Quero hoje fazer conta, e falta tempo.

Ah! se aqueles que contam com seu tempo,
Fizessem desse tempo alguma conta,
Não choravam, como eu, o não ter tempo!

Ó vós, que tendes tempo, sem ter conta,
Não gasteis esse tempo em passatempo,
Cuidai, enquanto é tempo, em fazer conta!"

Por uma interpretação errônea deste excerto de **Uma Flor do Clero Cuiabano**, passou-se a ter o padre Armindo Maria de Oliveira por autor da famosa peça literária.

Acresça-se o seguinte. Em seminários católicos, liam-se bastante as obras de dom Aquino Corrêa, e, por ocasião de sessões de seus grêmios literários, declamava-se, por vezes, o citado soneto "O Tempo", como do humílimo e exemplar filho de Dom Bosco.

Interpretação errônea, evidentemente. Em verdade, o heráldico arcebispo de Cuiabá jamais assegurara ter o seu biografado produzido tal poesia. Asseverara somente que ele **gostava de repetir o soneto**, conforme está explícito no texto transladado — um soneto **curioso e célebre**. E tão-somente.